

NÍSIA FLORESTA: EDUCAÇÃO E FEMINISMO NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Geyza Maria P.S. de Brito¹ – gezyapacifico@gmail.com

Poliene S.S. Bicalho (professor orientador) – poliene.soares@hotmail.com

RESUMO: No século XIX a sociedade brasileira vive a realidade de uma sociedade patriarcal, que expressa um discurso de inferioridade da mulher perante o homem, e que a exclui, constantemente, de oportunidades de ascensão social, como através da educação que, naquela época, era voltada para o exercício doméstico. Desta forma, naquele contexto, não havia motivo para dar à mulher uma educação equivalente à masculina, já que seus papéis sociais eram muito diferentes. Se a mulher fosse educada para desempenhar bem os papéis que lhe cabiam, de esposa, mãe e dama da sociedade, seria o suficiente para ser considerada uma mulher instruída; enquanto o homem deveria receber uma educação que lhe possibilitasse dominar os meios sociais, políticos e econômicos. É exatamente nesse período que surge uma mulher contrária a esse pensamento e disposta a lutar pelo direito feminino a uma educação igualitária: Dionísia Pinto Lisboa, mais conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Nísia, como escritora, publicou ao todo 15 obras, muitas focadas na causa feminina, sempre buscando denunciar o estado de inferioridade em que viviam as mulheres de sua época, expondo sua insatisfação com a condição social imposta sobre elas. Isso fica claro em obras como “Opúsculo Humanitário”, e também em seu primeiro livro, nomeado de “Direitos das mulheres e injustiças dos homens”, o qual publicou aos vinte e dois anos, mostrando que, já na juventude, essa era uma questão que a incomodava bastante, tornando-a uma mulher à frente de sua época e uma das primeiras feministas na história do Brasil. Como educadora, ela defendia uma educação igualitária de gêneros, em que as mulheres pudessem ter o direito a uma educação de qualidade e com a extensão do conhecimento para além dos atributos domésticos, uma educação que atingisse o campo das ciências, como já acontecia para os homens.

Palavras-chave: Educação, Feminismo, Literatura.

Introdução

No século XIX, contexto em que Nísia Floresta (1810-1885) surge e atua, as mulheres vivam a realidade de serem impedidas de qualquer possibilidade de ascensão intelectual ou direito à participação efetiva em qualquer setor da sociedade, pois seu acesso se restringia apenas ao ambiente doméstico. A mulher era (ou deveria ser) mantida no ambiente doméstico, sem acesso à educação, com aparência e atitudes frágeis – o ideal da sociedade patriarcal, do período imperial, que vigorava naquela época –, pois, dessa maneira, essa mulher não oferece-

ria risco ao domínio masculino no ambiente público nem no privado, garantindo a manutenção do homem no controle da sociedade. A falta de uma educação formal era vista por Nísia como a fonte dos males e a grande responsável pela discriminação da mulher, uma vez que somente em 1827 a primeira legislação nacional¹ tocava no assunto da educação feminina, havia sido promulgada.

Nísia Floresta surge em um Brasil recém-liberto da sua situação de Colônia, um lugar onde tudo estava por fazer, as instituições ainda não estavam consolidadas e poucos eram os que participavam (ou mesmo que se interessavam em participar) do mundo político no começo da vida política do Brasil imperial. É neste cenário que Nísia assume sua militância pelos direitos femininos a uma educação igualitária, luta pela qual ela dedicou sua vida e seu trabalho como educadora e escritora, e se torna não somente uma das primeiras feministas do Brasil, mas também uma figura que se destacava na política ainda não estabelecida no Império.

Desde sua estreia na literatura, em 1831, no Jornal *Espelho das Brasileiras*, de Pernambuco, Nísia escrevia sobre a condição feminina em diversas culturas:

[...] seria impossível abranger nos limites dessa folha todas as ações ilustres praticadas pelas senhoras romanas, nessa época feliz; todavia é do nosso dever citar para honra do sexo feminino, e confusão de seus injustos detratores, os principais feitos dessas verdadeiras heroínas, cujo patriotismo provou a que ponto as mulheres, sem jamais se intrometerem na repartição dos homens, podem ser úteis nas crises, que ameaçam a segurança do estado (FLORESTA *apud* DUARTE, 1995, p. 23)

Nísia Floresta também escreveu sobre a opressão feminina em seu primeiro livro, uma tradução livre de *Vindication of the Rright of Woman*, de Mary Wollstonecraft (1792), intitulado em português como **Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens**, no qual expôs sua insatisfação com a condição social das mulheres de sua época, ao mesmo tempo em que acusa o sexo masculino de colocá-las sob o estigma da inferioridade:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós somos próprias se não para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens...Entretanto, eu não posso considerar esse raciocínio senão como gran-

¹ Em 15 de outubro de 1827 é decretada a primeira Lei Geral relativa ao Ensino Elementar. Este decreto, outorgado por Dom Pedro I, veio a se tornar um marco na educação imperial, de tal modo que passou a ser a principal referência para os docentes do primário e ginásio nas províncias. A Lei tratou dos mais diversos assuntos como descentralização do ensino, remuneração dos professores e mestras, ensino mútuo, currículo mínimo, admissão de professores e escolas para meninas.

des palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar (FLORESTA, 1989, p. 35).

Em 1853 Nísia lançou seu segundo livro, **Opúsculo Humanitário**, no qual a autora recupera a história da condição feminina da Antiguidade Clássica até o seu tempo, relacionando o desenvolvimento intelectual e material do país e o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade. Mais uma vez Nísia Floresta mostra seu inconformismo com a condição das mulheres e aponta para a necessidade de uma futura mudança no quadro de desvalorização e inferioridade ao qual a sociedade as submetia:

Não nos embala a vã pretensão de operar uma reforma no espírito de nosso país. Por demais sabemos que muitos anos, séculos talvez, serão precisos para desarraigar herdados preconceitos a fim de que uma tal metamorfose se opere. Esperamos somente que os zelosos operários do grande edifício da civilização em nossa terra atentem para os exemplos que a História apresenta do quanto é essencial aos povos, para firmarem a sua verdadeira felicidade, o associarem a mulher a esse importante trabalho. A esperança de que, nas gerações futuras do Brasil, ela assumirá a posição que lhe compete nos pode somente consolar a sua sorte presente (DUARTE apud CASTRO, 2005, p. 209).

A figura de Nísia Floresta esteve sempre envolta em polêmicas e preconceitos. Ainda que de forma comedida, a escritora abordou temas polêmicos e que a tornou uma figura considerada perigosa para o Império, principalmente quando, em 1838, Nísia fundou uma instituição de ensino onde propunha uma pedagogia diversa das que vinham sendo aplicadas até aquele momento. Voltada para a educação feminina, adotava como prática pedagógica o ensino de disciplinas que, até então, estavam reservadas aos homens. Esses avanços pedagógicos propostos pelo colégio não foram bem aceitos pela sociedade imperial, que achava desnecessário que as mulheres aprendessem qualquer coisa que fosse alheia ao universo doméstico.

Para a sociedade da época, o que Nísia ensinava às meninas não passava de inutilidades, pois se acreditava que à mulher bastaria a alfabetização. Se este era o modelo vigente de educação feminina, podemos considerar que o Colégio Augusto foi pioneiro e inovador com sua pedagogia, que propunha uma educação para a mulher à altura dos melhores colégios masculinos da Corte:

Considerando a realidade educacional do Brasil Império, a qualidade do ensino no Colégio Augusto fica evidente. A pedagogia inovadora propôs o ensino de disciplinas que, na maioria das vezes, não eram ensinadas nem mesmo ao sexo masculino. Se compararmos ao tradicional Colégio Pedro II, verifica-se que, apesar de eles serem equivalentes no tocante ao pioneirismo das disciplinas ensinadas, o Colégio Augusto deu às mulheres a possibilidade

de aprendê-las oitenta e oito anos antes de o Colégio Pedro II começar a admiti-las entre seus alunos (CASTRO, 2010, p. 241).

Sua ousadia em defender uma mudança na estrutura de uma sociedade patriarcal, que via a mulher como um ser inferior, lhe custou um alto preço. O maior deles foi o de ser obrigada a viver longe de seu país, devido às constantes ameaças à sua pessoa e família, sendo assim, a partir de 1849 foi viver na Europa, onde suas ideias liberais eram acolhidas com maior receptividade, já que o Brasil ainda não estava pronto para recepcionar seus pensamentos vanguardistas.

Sua partida para a Europa, onde viveu até seu falecimento em 1885, na França, contribuiu para mantê-la apagada da memória dos brasileiros. Entretanto, ao mesmo tempo, os mesmos motivos que a mantiveram longe de seu país a ajudaram a difundir seus ideais entre a intelectualidade europeia, moldados pela ousadia e o pensamento liberal. Então, a tentativa de apagar sua memória, no Brasil, acabou sendo frustrada pela acolhida que suas ideias tiveram na Europa, onde Nísia produziu uma extensa obra literária.

A luta que ela começou no século XIX repercute até os dias de hoje na história das mulheres brasileiras, tanto que, se atualmente é possível a uma mulher estar presente no campo acadêmico e intelectual, isso se deve uma luta iniciada lá atrás, e Nísia Floresta foi uma destacada precursora, entre outras. Mesmo com tanta importância na história da educação e do feminismo no Brasil, o nome “Nísia Floresta” ainda é pouco conhecido, sendo o objetivo maior desse trabalho é contribuir para o conhecimento e a divulgação de sua vida e obra.

Referencial Teórico

O campo da história das mulheres ficou invisível durante muito tempo, tornando-se um campo concreto de pesquisa para os historiadores no Brasil somente nos anos 1980. Desde esse momento, tem crescido exponencialmente o número de publicações sobre o tema, revelando o crescimento também do interesse nessa área, o que se comprova com o aumento de livros, teses, dissertações, artigos em revistas especializadas e em anais de simpósios.

A autora Maria Izilda Santos de Matos², em seu artigo “História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectiva”, considera o marco fundador, nesse campo da história, a publicação do livro “A mulher na sociedade de classes - Mito e realidade”, de Heleieth Saffioti, obra “publicada em 1969, propunha uma análise da sociedade brasileira centrada na teoria do patriarcado, tendo a preocupação de identificar os signos da opressão masculina e capitalista sobre as mulheres” (MATOS, 2013, p. 5) .

A partir da década de 1980 os trabalhos historiográficos sobre as relações de gênero acabaram contribuindo para dar expressão e voz às mulheres no passado, “focalizaram-se as relações entre público e privado, social e íntimo, demográfico e político, destacando o papel das mulheres na família, casamento, maternidade, sexualidade e as questões da prostituição” (MATOS, 2013, p. 7). Foram enfatizadas diversas ações impostas às mulheres, destacando a educação, disciplinarização e modelos de conduta (DIAS, 1984; ENGEL, 1989; ESTEVES, 1989; LEITE, 1984; RAGO, 1985; SAMARA, 1989; SOIHET, 1989).

Para Matos, as produções recobram os poderes das lutas femininas, examinaram e repensaram estereótipos, recuperando, através de várias correntes de interpretações, a atuação feminina como sujeitos ativos da história, e não mais como passivas e domésticas, desconstruindo toda a esfera de dominação a que foram postas: “Discutindo a dimensão de exclusão a que as mulheres estavam submetidas, entre outros fatores, por um discurso universal masculino, a historiografia buscou dar visibilidade as experiências femininas, destacando a opressão histórica sobre elas” (MATOS, 2013, p. 7).

Outra autora que aborda o tema é Tânia Maria Gomes da Silva³, cujo artigo “Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil” traz a perspectiva de que os novos estudos sobre a questão da relação de gênero não devem entrar em cena como um saber preferencial ao velho, mas, “como uma reavaliação do conhecimento histórico” (SILVA, 2008, p. 224). No Brasil, as primeiras narrativas históricas focadas no feminino foram muito marcadas pela:

Preocupação com a dialética da dominação versus opressão, dando pouco ou nenhum destaque às múltiplas formas de resistência que as mulheres elaboraram ao longo do tempo para fugir à dominação masculina.

² MATOS, Maria Izilda Santos de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectiva. **Mandrágora**, v.19. n. 19, 2013, p. 5-15.

³ SILVA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. **Hist. e Soc.**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008.

Várias historiadoras alertaram para este fato: Silva Dias, Del Piore, Soihet, Algranti, entre outras (SILVA, 2008, p. 227).

Tanto Izilda quanto Tânia concordam em que a mensagem em seus artigos de que os estudos de gênero só têm real valor à medida que, desnaturalizando as desigualdades, contribuam para uma efetiva transformação nas relações entre homens e mulheres, igualando as relações. Neste caso, não se trata apenas de estudos que possibilitem a emergência de uma nova mulher, mas, de maneira simultânea, fazer surgir uma nova visão do que é ser homem, assim como da masculinidade.

Metodologia

O interesse primordial desse trabalho é o resgate da memória e da importância que Nísia Floresta teve como precursora da educação feminina no Brasil, tendo como método principal a análise de obras que reproduzem sua vida, feitos e obras. A pesquisa foi realizada a partir de análise de artigos científicos em caráter exploratório, de forma a alcançar um estado de conhecimento sobre suas realizações para com a História da Educação Brasileira.

Resultados e discussão

Um dos artigos analisados foi “Nísia Floresta e a questão da emancipação feminina pelo viés educacional”, de Mônica Karawejczyk⁴. Neste trabalho⁵ a autora contribui para a elevação do papel que Nísia Floresta teve na educação feminina no Brasil e a sua luta pela igualdade na educação entre os sexos, a primeira grande luta das mulheres, levando-se em conta o contexto em que suas ideias foram desenvolvidas.

Assim, a contribuição de Nísia Floresta deve ser exaltada nesta, que foi a primeira das reivindicações femininas: a educação igualitária entre homens e mulheres. Apesar de sua conquista ainda ter demorado algumas décadas para acontecer no Brasil, considero que foi através de seu embate que a questão da emancipação feminina pode ser cada vez mais debatida, compreendida e apreendida pelas brasileiras. Levando a novas reivindicações, tais como o direito de participar de forma ativa da vida pública do País e até o direito de votar. (KARAWEJCZYK, 2010, p. 122).

⁴ Bacharel e Licenciada em História pela UFRGS. Mestre em História pela PUCRS. Doutoranda em História pela UFRGS. E-mail: karawejczyk@gmail.com

⁵ Mônica Karawejczyk, Nísia Floresta e a questão da emancipação feminina pelo viés educacional. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/993/1055>>. Acesso em: 29 de Maio de 2016.

Outro texto importante para o reconhecimento do empenho de Nísia sobre a educação igualitária é o “Direitos das mulheres e injustiça dos homens de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX”, no qual é feita uma análise sobre sua primeira obra, de autoria de Isabela Candeloro Campoi⁶. Nesse artigo⁷ a autora contextualiza o livro de Mary Wollstonecraft, *A Vindication of the rights of woman*, inspiração para a obra de Nísia, e enfoca a trajetória da autora brasileira e a influência do Positivismo na sua obra, principalmente no que tange ao papel social das mulheres.

O tom revolucionário dos Direitos está na defesa da participação efetiva das mulheres em cargos públicos e postos de comando. Refere-se às noções gerais dos gêneros no século das Luzes, num período em que as mulheres eram consideradas incapazes de exercer suas funções intelectuais. A maior ousadia do livro está em pleitear postos de trabalho e no governo, ou seja, o acesso das mulheres ao espaço público. (CAMPOI, 2011, p. 210-211.)

Outra referência fundamental foi o “A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista”, de Luciana Martins Castro⁸. A autora exalta o importante destaque e desenvolvimento que Nísia Floresta teve como educadora e escritora no Rio de Janeiro Imperial, além de sua militância em prol do direito da mulher ao acesso à educação em uma sociedade patriarcal.

Essas condições desiguais entre os sexos, que desfavoreciam sempre as mulheres, potencializam o mérito do trabalho de Nísia Floresta, pois, quando apresentamos situações que envolvem mulheres do período imperial e a militância de Nísia, parecem tratar-se de dois universos diferentes, o que nos indica que havia um abismo entre a realidade da maioria das mulheres da Corte e a de Nísia Floresta. Seu papel questionador cumpriu o objetivo, ainda que discreto, de abalar as estruturas sociais do império, pois, se ela incomodou de alguma forma aquela sociedade, provavelmente, em algum mo-

⁶ Professora Doutora do curso de Licenciatura em História da UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavaí - Av. Gabriel Esperidião, s/nº, CEP 87.703-000, Paranavaí, Paraná, Brasil, e pesquisadora associada ao NUPEHC-UFF, Núcleo de Pesquisas em História Cultural da Universidade Federal Fluminense. O artigo é desdobramento da pesquisa intitulada "O movimento transatlântico dos direitos das mulheres e conceitos educacionais no século XIX: a alemã Mathilde Franziska Anneke e a brasileira Nísia Floresta", desenvolvida em estágio Pós-doutoral no Instituto de Estudos Latino Americanos da Universidade Livre de Berlin, Alemanha, sob supervisão do Professor Dr. Stefan Rinke e com apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) entre maio de 2009 e maio de 2010. E-mail: belacampoi@hotmail.com.

⁷ CAMPOI. Isabela Candeloro. "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742011000200010>. Acesso em 28 de Maio de 2016.

⁸ CASTRO. Luciana Martins. A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. **Outros tempos** - Dossiê História e Educação, volume 7, número 10. Rio de Janeiro, 2010. p. 237-256.

mento provocou polêmica e reflexão acerca de seus posicionamentos (CASTRO, 2010, p. 253).

Considerações Finais

Entende-se, portanto, que Nísia foi uma mulher à frente de sua época e que sua luta pela emancipação feminina, através da educação, acaba por marcar a história da educação brasileira, o que a tornaria merecedora de reconhecimento por seus grandes feitos. Todavia, não é isso que se percebe ao se debruçar sobre os estudos que têm como temática a história do feminismo e da educação feminina do Brasil.

Nossa personagem ainda não parece ter alcançado o devido reconhecimento, no que se refere aos seus feitos e obras; através de sua militância literária e também prática, com a criação do Colégio Augusto, ela teve papel de destaque para a construção da figura feminina brasileira e da educação, como a concebemos hoje. Assim, a nossa intenção com este trabalho foi trazer ao conhecimento de todos um pouco sobre a importância de Nísia Floresta, enaltecendo seus méritos como pioneira na educação e no feminismo brasileiro, através da análise de seus trabalhos e da visão de alguns autores sobre sua vida e obra.

Referências

SILVA, Tânia Maria Gomes da. *Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil*. Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008).

WOLLSTONECRAFT, M. *A Vindication of the rights of woman*. Disponível em: <<https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/bitstream/handle/1794/785/vindication.pdf?sequence=1>>. Acesso em: jul. 2016.

A lei de 15 de outubro de 1827, Egov. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/30476-31865-1-PB.pdf>>. Acesso em out. 2016.

FLORESTA, N. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Editora Cortez, 1989a.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *HISTÓRIA DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO: campo historiográfico, trajetórias e perspectiva*. Mandrágora, v.19. n. 19, 2013, p. 5-15.

CASTRO, Luciana Martins. *A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista*. Outros tempos - Dossiê História e Educação, volume 7, número 10. Rio de Janeiro, 2010. p. 237-256.

CAMPOI, Isabela Candeloro. "*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*" de Nisia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742011000200010>. Acesso em 28 de maio de 2016.

KARAWEJCZYK, Mônica. *Nisia Floresta e a questão da emancipação feminina pelo viés educacional*. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/993/1055>>. Acesso em: 29 de maio de 2016.

TILLY, Louise A. *Gênero, História das mulheres e História Social*. Cadernos Pagu, 1994: pp. 29-62.

SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes: mitos e realidades*. Petrópolis: Vozes, 1979.

SCHUMAHER, Shuma. BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

MOREIRA LEITE, M. L. *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Hucitec, 1984.

PALLARES-BURKE, M. L. G. *Nisia Floresta, o carapuço e outros ensaios de tradição cultural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

QUINTANEIRO, T. *Retrato de mulher: O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajantes do século XIX*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. In: SOS CORPO: gênero e cidadania. Tradução de Cristine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 3.ed. Recife, abril de 1996.

BONACCHI, G.; GROPPPI, A. (Org.) *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

FLORESTA, Nisia. *Fragments de uma obra inédita: notas biográficas*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

DUARTE, Constância Lima. *Nisia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania*. Rio Grande do Norte. Ed. da UFRN, 1995.

DUARTE, Constância Lima. *Nisia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

DUARTE, Constância Lima (Org.). *Cartas: Nisia Floresta e Auguste Comte*. Florianópolis: Edusc, 2002.

DUARTE, Constância Lima. *Nisia Floresta: vida e obra*. Natal: Editora Universitária/UFRN, 1995.